Os bispos estão debatendo os critérios estabelecidos pela CNBB, para ori

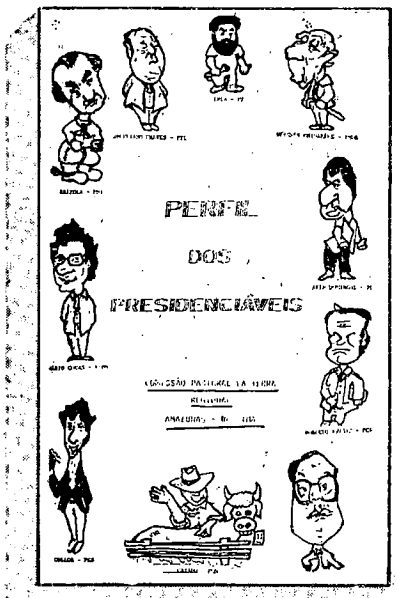
Liberal se queixa até ao papa

Consciente de que não adianta se queixar ao bispo — porque muitos deles estão engajados na candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva — o líder do PL na Câmara, Adolfo de Oliveira, exortou, ontem, o Núncio Apostólico no Brasil, dom Carlo Firmo, e através dele o próprio Papa, a adotar providências no sentido de conter a participação do clero progressista na campanha presidencial e pôr fim ao que qualificou de "imagem falsa e mentirosa" de alguns candidatos, transmitida por cartilhas distribuídas pelas Comunidades Eclesiais de Base.

Aplaudido e apoiado por parlamentares conservadores do PMDB, PFL e PDS, Adolfo de Oliveira falou no grande expediente da Câmara, para contestar a afirmação de D. Ivo Lorscheider, segundo a qual a Igreja apenas estuda os critérios de cada partido para "iluminar o eleitorado, sem nunca apontar qual o melhor candidato".

O deputado fluminense leu trechos de cartilhas das CEB's que demonstrariam a inclinação da Igreja Progressista por Lula, desde o 1º turno. Uma dessas cartilhas, distribuídas na diocese de Goiás, afirma: "Lula, metalúrgico do ABC paulista, destacou-se como líder sindical na defesa dos trabalhadores. Foi o deputado federal mais votado do Brasil, tem o apoio de todos os partidos da Frente Popular de mudança, que são o Partido Verde, o Partido Comunista do Brasil, PSB e PH". Sobre Ulysses Guimarães: "Quer ser presidente a todo custo. Seu programa político é conservador, a favor das elites e dos grandes". Sobre Brizola: "Terá o apoio dos latifundiários, empresários e não possui ligação alguma com a Igreja comprometida com os pobres.

Polônia — Sem citar o julgamento que as CEBs fazem sobre o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, Adolfo de Oliveira sustentou que há na Igreja Católica "um grupo que não é ortodoxo, que não segue a doutrina da Igreja e não aplaude quando essa Igreja liberta toda uma população (caso da Polônia), há mais de 40 anos dominada por esse grupo que se chama de progressista".

A deputada Sandra Cavalcanti, do PFL, disse coisa parecida, em aparte: "Não ouvimos por parte da Igreja que se apelida de progressista — que se diz adepta da Teologia da Libertação — ninguém ouviu um comentário sequer de júbilo pela queda do Muro de Berlim, pela libertação da Hungria ou pelo que está ocorrendo na Alemanha Ocidental".

A deputada Cristina Tavares, do PSDB, lembrou que em 1964 a Igreja saiu às ruas "na famosa passeata por Deus, Família e Propriedade e poucas vozes se levantaram no Congresso contra aquela Igreja reacionária, que falava em latim de costas para o povo, que ficava abençoando a casa grande, de costas para a senzala". Depois — acrescentou Cristina — a Igreja passou por mudanças e acabou, na reunião de Medellín (Colômbia), fazendo uma opção pelos pobres.